

AS ZONAS AUTÔNOMAS TEMPORÁRIAS ENQUANTO ESPAÇOS DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E DA CIÊNCIA ALTERNATIVA

INTRODUÇÃO

O Estado nos quer burros. Como quem olha de casa para a rua ou dos automóveis para as calçadas, o Estado nos quer longe, afastados do que não pode passar depressa, distante do que não se pode ficar mais perto, o Estado nos quer comandados e obedientes, encarcerados em torres cruéis, domesticados em condomínios de concentração, apodrecendo nas prisões habitacionais, trabalhando para os seus devidos fins. O observador distanciado, que de longe contempla do alto da torre, não olha com todas as vistas, porque para as altas distâncias, o povo no mundo é o mesmo e não muda de forma ou tamanho. A visão reproduzida pela observação distanciado só repete a redução ao absurdo garantida pela máquina estatal aos desolados. Viva o mundo!

O presente trabalho tem como meta apresentar a Zona Autônoma Temporária enquanto espaço de produção do conhecimento e da ciência alternativa. Para isso é necessário descrever esse conceito e também explicitar os seus desdobramentos práticos. Das comunidades nômades da antiguidade às utopias piratas da modernidade e da contracultura no século XX ao ciberespaço esse conceito é percebido. É feita uma crítica à ciência oficial e ao seu método repressivo de produção do conhecimento pondo em xeque as autoridades. Vários teóricos são mencionados ao longo do trabalho e a discussão se desenvolve nas entrelinhas demonstrando o que está se propondo. Em síntese é isso que o trabalho vem tentando assegurar e garantir apresentando no seu desenvolvimento.

Jan Clefferson Costa de Freitas

Natal, 27/08/2013

bakkalaureus@rocketmail.com

AS ZONAS AUTÔNOMAS TEMPORÁRIAS ENQUANTO ESPAÇOS DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E DA CIÊNCIA ALTERNATIVA

As Zonas Autônomas Temporárias (TAZ) são para Hakim Bey como espaços de liberdade cuja primeira aparição se perde na noite do tempo. A versão mais atual da TAZ está nas utopias piratas. As utopias piratas são organizações de resistência que permitem aos seus integrantes viver sem prisões como o contrato social ou dirigentes. Os piratas, de acordo com Hakim Bey, possuíam um sistema muito sofisticado para troca de informação. Esse sistema funcionava por meio de códigos (também chamados de artigos) que cada pirata poderia utilizar em qualquer momento ou lugar.

Face ao presente, nós temos modelos de TAZ como ocupações, escolas livres, espaços animais, vilas ecológicas, hortas comunitárias, praças, o ciberespaço, lugares underground, as ruas, comunidades alternativas, dentre outras, verdadeiras Tortugas contemporâneas. Na web não é diferente, e além de continuarem a pirataria, os códigos estão em pleno uso, como uma espécie de novo idioma. Orwell sabia disso e não foi um tolo quando escreveu “1984” e Gibson não foi um idiota ao nos mostrar o quanto fora genial por ter escrito “Neuromancer”: a “novilíngua” e as criptografias são os códigos piratas – que nos digam os libertários cyberpunks!

A contracultura não deixou de ser um dos exemplos práticos da antropofagia libertária e, através dela, autênticas maneiras de saber se misturaram. De 1965 a 1967 os Provos na Holanda começaram a contestar as autoridades através das artes. Os Híppies na Califórnia absorveram o comportamento vindo de Amsterdã e começaram a vivenciar o amor livre tanto quanto as experiências psicodélicas. Antes disso os Beats já vinham perambulando pelas estradas americanas em busca da beatitude. Depois disso os seus herdeiros não deixaram de manter as supracitadas formas lógicas da TAZ.

Os grupos que consolidaram as manifestações da contracultura no século XX tinham modos para se organizarem como visa Hakim Bey na sua obra sobre a Zona Autônoma Temporária. As formas de construção do conhecimento desenvolvidas por esses grupos estão adaptadas ao modelo libertário que na TAZ se faz presente. Os movimentos da contracultura não foram criados para serem duradouros e por isso

garantiram eficácia temporária. Viver fora do capitalismo, construindo condições de possibilidade para existir sem repressão ao se fundir às maneiras de ser, é a forma antropofágica da contracultura.

A recusa às convenções não só parte da contracultura, mas emerge das subculturas, da excentricidade das teorias livres, das classes-desclassificadas-inclassificáveis, da santíssima trindade contracultural (sexo, drogas e rock 'n' roll), da própria cultura inclusive; as vanguardas artísticas históricas mais radicais (como o dadaísmo e o futurismo) produziram condições de subversão tão relevantes quanto os grupos que foram jogados na lixeira cultural: os poetas malditos e a filosofia marginal dos subúrbios e guetos e periferias, zonas de luzes vermelhas envolvidas pelo ópio, cafés clandestinos para o uso do haxixe e etc. (territórios livres de autoridade).

A Paris de 1968, em plena efervescência do movimento estudantil, demonstrou que, a Sorbonne, enquanto referência para a TAZ pôde, gerar conhecimento para todas as pessoas que tiveram interesse em se juntar às passeatas e às greves que fizeram a história acontecer naquele ano. A universidade deixou de ser um espaço que acoberta as autoridades da ciência e do conhecimento para motivar novas visões contestadoras do sistema capitalista contemporâneo. As produções realizadas na TAZ da Sorbonne no Maio de 1968 reverberam até hoje em vários ecos.

As ocupações anarquistas e punks vêm realizando um forte escambo de conhecimentos variados e contatos libertários entre grupos diferentes de subculturas marginais e underground que se compartilham nos espaços de liberdade que eles ocupam. Atividades informativas e culturais são realizadas nas ocupações que tendem a ser alvo mais cedo ou mais tarde das forças repressoras do Estado que os expulsam dos lugares ocupados para manterem a ordem vigente. Mas de acordo com a lógica da TAZ isso é comum porque depois ela se ergue em outro ponto de convergência e se faz mais produtiva.

A destruição dos espaços históricos de autoridade e a construção de espaços geográficos de liberdade são uma prática pedagógica anarquista/libertária. A educação realizada nos espaços de ensino libertário necessita se lançar contra o Estado, contra o governo, contra os ídolos e mestres, pátrias, partidões e patrões: as

Zonas Autônomas Temporárias são espaços de resistência contra as cabeças da Hidra capitalista. A escola-autônoma-nômade não tem a pretensão de se tornar um picadeiro institucional cuja permanência é garantida pelo colarinho branco. Nas Zonas Autônomas Temporárias uma educação científica aprofundada pode ser realizada com autonomia em relação à dominação capitalista da burocracia autoritária através do exercício pedagógico anarquista.

As Zonas Autônomas Animais são espaços de liberdade animal. A Indústria da Morte expulsa pelo uso da brutalidade os animais dos seus mundos de vida naturais. O capitalismo arranca pela selvageria do consumismo desenfreado os seres humanos de seu contato de convivência libertário com a natureza. A geografia de Kropotkin integra a dimensão ambiental à social. Para compreender a TAZ é preciso perceber o seu funcionamento acontecendo nas Zonas Autônomas Animais do reino animal. A partir dos animais é possível tornar íntegras a relação social-comunal entre todos os seres do mundo animal: os seres humanos não deixam de serem animais. O princípio de ajuda mútua parte da natureza e alcança a sociedade: a Zona Autônoma Temporária é uma comunidade-social-natural-humanimal.

As hortas comunitárias são lugares onde todos podem plantar o que bem entenderem para comerem independentes da exploração industrial e do assalto dos agrotóxicos. Nelas grupos com autonomia em relação à indústria de alimentos dividem técnicas de plantio e de colheita mais saudáveis para todos poderem comer o melhor alimento possível. A ciência só tem feito piorar a saúde das pessoas devido aos produtos químicos aplicados aos alimentos que elas comem e por causa disso intensifica-se a produção farmacológica. Mas viver de outros modos é possível.

As vilas ecológicas são quase que feitas na totalidade de materiais recicláveis e outros objetos que já foram utilizados para coisas diferentes. Nessas Zonas Autônomas, quer sejam elas Temporárias, quer sejam elas Permanentes, a sustentabilidade é praticada e ampliada por métodos diversos, inclusive pela troca de informação constante entre pessoas que vão e que vem no espaço, a proposta é bem viver de forma boa sem precisar pagar muito por isso, ou seja, busca-se uma maior qualidade de vida a partir de um menor custo de vida.

As ruas interligam os espaços de liberdade ao sabor das situações revolucionárias. Muitas lições ensinadas pelo mundo não são dadas nas escolas e jamais são esquecidas. As ruas também são canais por onde fluem todos os tipos de informação subversiva e de conhecimentos insurgentes. As ciências alternativas e os saberes libertadores encontram nas ruas as suas fontes de inspiração. Nas ruas as rupturas libertárias se evidenciam de múltiplos modos e por isso é que as classes dominantes são insones: recordemos das Jornadas de Junho. E em poucas palavras, a porta da rua é a serventia da casa.

As praças são espaços de liberdade onde se pode acontecer o que se possa imaginar. Das intervenções artísticas dos Provos com happenings na Praça Spui em Amsterdã aos concertos do Hollywood Rock realizados na Praça da Apoteose no Rio de Janeiro, as praças são TAZ e por isso necessitam ser tomadas por aquele que quiser manifestar as expressões da liberdade, de forma a cada qual poder saber levando o seu conhecimento o que o outro traz consigo, compartilhando, produzindo e lançando perspectivas, a praça é um canto ideal para todos os tipos de gente.

Burroughs, em “Almoço Nu”, nos fala da Interzona. Os lugares underground são interzonas onde um fluxo constante de múltiplos saberes e seres subversivos se conectam. Nesses ambientes a produção de conhecimentos é frequente sem que seja autoritária ou comandada por um intermediário. As interzonas são espaços onde todas as interações são possíveis tanto em grau quanto em gênero. Os lugares underground permitem esse tipo de interação e por isso podem ser considerados interzonas, ou melhor, como Zonas Autônomas Temporárias.

O ciberespaço é uma das mais importantes expressões da TAZ porque consegue canalizar uma grande quantidade de informações e conhecimentos durante longos períodos de tempo em vastas grandezas de espaço. Os conhecimentos produzidos no ciberespaço, válidos ou não, são múltiplos e muitos, conseguem atingir uma grande massa de pessoas pela web, o ciberespaço pode por esse motivo ser considerado como a mais temporária das TAZ, pois as suas dimensões não tem limites, e a sua produção sempre é constante. O conhecimento na web é não hierárquico e, além disso, no ciberespaço, nada é verdadeiro e tudo é permitido.

Algumas comunidades alternativas funcionam de maneira clandestina como territórios destinados a uma ampla troca de conhecimentos e experiências. O conhecimento científico parte das teorias para um plano experimental no campo empírico onde os postulados são corroborados a partir da experiência praticada. Nas TAZ a ciência é feita com base na experiência de cada integrante que são divididas em momentos de profunda relevância para todos os seus vivos elementos. A vivência pessoal quando partilhada com a coletividade faz da TAZ uma usina produtiva sob todos os aspectos.

Todos os exemplos supracitados servem para ilustrar as formas de expressão da TAZ enquanto espaços de produção alternativa da ciência, demonstrando que o conhecimento não está restrito apenas às autoridades acadêmico-científicas, podendo ser produzido de várias maneiras, sem que sempre seja oriundo das classes dominantes e/ou dos espaços históricos de autoridade, tampouco do polo opressivo da ideologia que corresponde ao capital e à burguesia, mas sim do polo produtivo que corresponde às classes subversivas e oprimidas pelo sistema capitalista das ideias dominantes elitistas.

As Zonas Autônomas Temporárias são lugares onde se pode subverter a ordem institucional vigente das autoridades do conhecimento científico para produzir múltiplas formas de saber sem estar preso ao intermédio de um dono da verdade. São em espaços dessa amplitude que a ciência da vida é praticada sem os dogmáticos postulados de um método obtuso. A ciência que se faz nas TAZ é incomensurável pelo fato de não ter como prisões os paradigmas das instituições e o domínio recidivo dos discursos repressivos de poder.

Nas Zonas Autônomas Temporárias, pode ser desenvolvida, com primor, toda uma epistemologia da revolta, realizadas pelos críticos do método científico, pensadores marginais, filósofos de rua, cientistas libertadores, nômades psíquicos, aventureiros anarquistas, punks e cyberpunks, psiconautas e neurohackers, libertários da causa animal, rejeitadores de autoridade, teóricos da liberdade, suicidas acadêmicos, periféricos do intelecto, vagabundos iluminados, vadias subversivas, cada qual acrescentando a sua parte prática à teoria crítica.

Os zines são um dos meios informacionais e de comunicação que existem na TAZ. Constituídos muitas vezes de colagens e recortes como uma obra desviada, os zines são as armas de guerrilha midiática da imprensa marginal contra o capital, neles se pode enveredar pelos caminhos de uma ciência da vivência, onde a prática da autenticidade está inclusa como forma de expressão, permitem a liberdade para criar como não fazem as editoras que, com critérios tendenciosos de avaliação censuram as publicações, os zines a censura não alcança e neles a paixão da criação se manifesta.

Os zines estão se linchando para os direitos autorais da propriedade intelectual (tão cara aos eruditos acadêmicos). A proposta deles é contrária aos periódicos científicos da falida instituição universitária. Facilitar o acesso a uma rápida informação efetiva é a metodologia dos zines cujo objetivo visa dar uma visão alternativa do que for essencial para as pessoas. Para destruir as obras primas derrotando os seus autores consagrados, o zine não só pode ser feito por alguém como também por coletivos de pessoas com a mesma identidade: Luther Blissett vive!

Contra o método científico a criatividade é uma arma. A ciência não permite a liberdade para a imaginação. Os seus métodos repressivos e autoritários conduzem a vivência à prisão cartesiana da razão além do ser e do sentir. Mesmo assim, sente-se que o sentir sabe mais do que o saber. Em outras palavras, aquilo que perpassa o nosso corpo, que alcança as nossas vísceras, e que delas também sai, a escrita com sangue de Nietzsche, ou a grafia com merda de Sade, as coisas que não são a nós impostas como fatos de verdade, as secreções dos pestíferos do Teatro da Crueldade de Artaud, é o tipo de ciência produzida pelas TAZ.

As Zonas Autônomas Temporárias são atalhos pelo caminho do processo de emancipação da humanidade em relação aos seus valores e costumes mais arcaicos. A ciência só progride por acréscimo e é muito natural que muitas vezes esse método demore em sua ação de progressão. A Zona Autônoma Temporária é um espaço de liberdade ao invés de um ambiente de autoridade como são as instituições reprodutoras de ciência. A ciência na TAZ não é um mero instrumento a serviço do capitalismo, pois se coloca como ponte para a emancipação do ser humano.

Feyerabend compreende que no princípio a ciência havia surgido como um elemento libertador, mas que depois descambou para uma ideologia autoritária e repressiva. Para ele a sociedade tem que se proteger da ciência de modo ao não ser uma vítima dos seus elementos repressivos e autoritários. A Zona Autônoma Temporária permite que a ciência se desprenda dos seus elementos repressivos e se torne uma vez mais um elemento libertador para a sociedade emancipada. A emancipação começa quando a repressão acaba. É na TAZ que, para Hakim Bey, a repressão acaba e a emancipação começa.

Hakim Bey quando a todos convida para Croatã não descarta os cientistas alternativos que a ciência oficial vem excluindo. Feyerabend defende que os astrólogos e xamãs construíram uma forma de ciência alternativa. Os dois pensadores estão pela ciência libertária como forma de romper esse racismo etnocida sustentado pela mácula elitista da ciência oficial. Croatã é a TAZ em seu estado de pensamento selvagem e a ciência que se pode extrair disso está marcada pelo seu primitivismo metafórico. A ciência feita na TAZ não é aprisionada pelos poderes policialescos da suprema autoridade.

Raoul Vaneigem argumenta em “A arte de viver para as novas gerações” que a polícia tem um álibi e que esse álibi é a ciência. A ciência enquanto álibi da polícia determina a repressão das liberdades como forma de poder legitimar o absurdo da verdade universal. Os saberes sujeitos são criticados por Foucault seguidas vezes. A ciência enquanto discurso de dominação é um saber sujeitado ao poder. Foucault não se priva dos ataques à ciência por ser ela um dos saberes submissos ao poder a serviço da dominação.

Ambientes de intensificação para qualquer experiência criativa, desde que a paixão de criar não seja alienada pela vil obrigação de produzir, as TAZ são os recintos sem muros da ciência revolucionária, nos quais o mundo não pode ser reduzido aos paradigmas científicos da metodologia autoritária oficial, mas a vivência pode ser compreendida por aquilo que se está sempre sentindo, porque as Zonas Autônomas Temporárias são a fundamentação para “A estrutura das revoluções científicas”, onde pode acontecer qualquer mudança o tempo todo.

Para Thomas Kuhn, as revoluções científicas, acontecem com a mudança de paradigma. Paradigma, para ele, é um conjunto de constatações estabelecidas pela ciência, na intenção edificante da verdade, até a mudança ocorrer para a ciência progredir. Em seu funcionamento, a TAZ, modifica os paradigmas. A frequência dessas mudanças explicita o quão pode ser libertadora essa vivência. A Zona Autônoma Temporária é um terreno onde a fertilidade revolucionária dos saberes se consolida com maior intensidade para o mundo e o modifica.

As anomalias se apresentam quando os paradigmas são levados ao seu próprio esgotamento e nada é mais efetivo do que a multitude para esgotar o alcance os paradigmas. A pluritude dos conhecimentos cartografados na TAZ permite a mudança de paradigma acontecer com mais celeridade porque não há espaço para o dogma entre muitos. A Zona Autônoma Temporária propicia os elementos necessários para a consolidação das revoluções científicas porque conduz à crise os paradigmas e com isso esclarece a postura da ciência revolucionária.

A temporalidade da ciência está para Thomas Kuhn da mesma forma que a TAZ também está para Hakim Bey: nenhuma das duas é insubstituível porque não procuram a permanência – elas alcançam um momento de completude para depois desaparecerem e retornarem modificadas. A estrutura das revoluções autônomas é tão temporária quanto são as zonas para a produção científica. Em poucas palavras, tanto a TAZ quanto a ciência, para Hakim Bey e para Thomas Kuhn, não pretendem ser conceitos permanentes, porque assim são mais capazes de mudar.

A ciência alternativa praticada na TAZ está fora do padrão oficial porque não busca se tornar um ideal alienante. Para Nietzsche nenhum ideal é verdadeiro e a luta contra a mentira deve ser uma constante. Raoul Vaneigem, com outras palavras, denuncia que a difusão do ideal tem sustentando as nossas classes dominantes. A força da mentira tem ganhado muito espaço e expandido os horizontes sobre o meio social. De acordo com Vaneigem, nós precisamos dar adeus para o que não for verdadeiro, ao estender qualquer instante genuíno, sepultando a mentira na história.

A ciência oficial que converte a verdade em um ícone espalha a mentira como uma peste contagiosa sobre todos os lugares do planeta. As alternativas que

existem para inverterem as propagações do vírus são aquelas garantidas pela TAZ. Nas Zonas Autônomas Temporárias não existe lugares reservados para o autoritarismo. Fora dela as autoridades estão apertando os seus laços de dominação sobre as massas. A Zona Autônoma Temporária enquanto espaço de liberdade intenta assegurar a dissolução da repressão policial praticada contra a vivência pela ciência oficial.

Em oposição ao ideal a vida está quando a potência toma a frente do poder. A vida é pura possibilidade e o poder é a total autoridade. A potência afirma a existência e o poder a vida nega. A Zona Autônoma Temporária é um espaço da vontade de potência e a ciência oficial é um discurso de poder. Para que a vida não seja negada em função das teorias é preciso estar vivendo a liberdade criativa. Sem a ciência alternativa não existe a nova arte de viver a liberdade de criar. Um espaço de produção do conhecimento e da ciência alternativa: assim também se pode ver a TAZ.

CONCLUSÃO

A Zona Autônoma Temporária é de fato um espaço para a produção do conhecimento e da ciência alternativa. Enquanto espaço de liberdade a TAZ não permite que o autoritarismo da ciência oficial lhe contamine. O conhecimento produzido em seu território está livre das autoridades e da repressão dos burocratas legitimados pelo poder. Várias são as possibilidades para o conhecimento ser produzido nas TAZ tanto quanto as suas formas de expressão são variadas. Em cada uma das formas que a TAZ apresenta se pode perceber a produção da ciência alternativa e do conhecimento. O território livre da TAZ permite que todos conheçam e produzam. É por isso que a TAZ pode ser vista como um espaço de produção do conhecimento e da ciência alternativa.

BIBLIOGRAFIA

ARTAUD, Antonin. **Linguagem e vida**. Organização J. Guinsburg, Silva Fernandes Telesi e Antônio Mercado Neto. - São Paulo: Perspectiva, 2008.

ARTAUD, Antonin. **O Teatro e seu Duplo**. Tradução Teixeira Coelho; revisão da tradução Mônica Stahel. 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BEY, Hakim. **TAZ – Zona Autônoma Temporária**. Tradução: Patrícia Decia e Renato Resende. Conrad Editora do Brasil, São Paulo, 2001 (Coleção Baderna).

BLISSETT, Luther. **Guerrilha Psíquica**. Tradução: Giulia Grippa. Conrad Editora do Brasil, 2011 (Coleção Baderna).

BURROUGHS, William S. **Almoço Nu**. Tradução: Mauro Sa Rego Costa e Flávio Moreira da Costa. Círculo do Livro Editora, São Paulo, 1986.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Tradução: Octtany S. da Mota e Leonidas Hegenberg. 3ª edição. F. Alves editora, Rio de Janeiro, 1989.

FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica: Roberto Machado. Editora Graal, Rio de Janeiro, 1979.

GIBSON, William. **Neuromancer**. Tradução: Alex Antunes. 3ª edição. Aleph Editora, São Paulo, 2003.

GUARNACCIA, Matteo. **Provos: Amsterdam e o nascimento da contracultura**. Tradução: Roberta Barni. Conrad Editora do Brasil, São Paulo, 2001 (Coleção Baderna).

HOME, Stewart. **Assalto à cultura: utopia e subversão na guerrilha (anti)arte do século XX**. Tradução: Cris Siqueira. Conrad Editora do Brasil, São Paulo, 1999.

KROPOTKIN, Piotr. **Apoio mútuo: um fator de evolução**. Porto Alegre, São Sebastião: Editora Deriva, A Senhora Editora, 2012.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução: Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 6ª edição. Perspectiva Editora, São Paulo, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém.** Tradução e notas de Mário Ferreira dos Santos. 3ª edição. Vozes Editora, RJ, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia, ou, helenismo e pessimismo.** Tradução, notas e posfácio: J. Guinsburg. Companhia das Letras, São Paulo, 1996.

ORWELL, George. **1984.** Tradução: Wilson Velloso. 18ª edição. Editora Nacional, São Paulo, 1984.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Du contrat social.** Aubier: Éditions Montaigne, 1976.

SADE, Marquês de. **A filosofia na Alcova.** Tradução: Manuel João Gomes. Editora Antígona, Portugal, 2007.

SADE, Marquês de. **Justine: ou os infortúnios da virtude.** Tradução: Manuel João Gomes. Editora Antígona, Portugal, 2001.

SADE, Marquês de. **Os cento e vinte dias de Sodoma.** Tradução: Manuel João Gomes. Editora Antígona, Portugal, 2007.

SOLIDARITY. **Paris: Maio de 68.** Tradução: Leo Vinícius. Conrad Editora do Brasil, São Paulo, 2008 (Coleção Baderna).

VANEIGEM, Raoul. **A arte de viver para as novas gerações.** Tradução: Leo Vinícius. Conrad Editora do Brasil, São Paulo, 2002 (Coleção Baderna).

